

*"Companheira me ajuda,
que eu não posso andar só.
Eu sozinha ando bem,
mas com você ando melhor"*

Dia Internacional da Mulher

8 de março

Nenhum direito a menos ♀

Ao longo da história, as mulheres têm travado incessantes lutas por um mundo mais justo e igualitário. Grande parte das suas reivindicações representam uma crítica profunda à cultura política baseada no preconceito, na dominação e na violência. Para além da luta pela igualdade de direitos, o movimento de mulheres e as feministas incorporaram o questionamento das raízes culturais da desigualdade. A esta cultura damos o nome de machismo, que se evidencia através de valores sociais que depreciam as mulheres e sua capacidade de serem iguais aos homens. Para nós, feministas, o mês de março é um momento muito importante de reafirmação da declaração do Dia Internacional das Mulheres e do feminismo enquanto teoria e prática da luta pela libertação das mulheres.

A luta das mulheres e sua organização em grupos é muito antiga e protagonizou importantes reivindicações como o direito ao voto e melhores condições de trabalho. Estas contestações contribuíram para questionar a separação entre o espaço público e o espaço privado, bem como para problematizar o papel masculino e o feminino em nossa sociedade.

Reafirmar nossas lutas e conquistas possibilita identificar nossos desafios. Especialmente, a luta pelo fim da violência contra a mulher, o direito ao trabalho decente e a autonomia do corpo e da vida das mulheres. Estes são elementos centrais para que possamos viver plenamente nossas vidas.

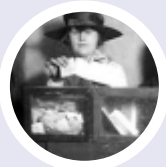
Em nossa categoria, as mulheres representam mais de 85% dos trabalhadores em educação na rede

estadual de ensino. O CPERS/Sindicato tem um papel estratégico nas nossas lutas históricas, das quais temos obtido grandes conquistas. Esta importante ferramenta de luta em defesa da educação pública e de qualidade, também pode contribuir para a promoção de uma educação não sexista e pelo fim dos estereótipos que enclausuram mulheres e homens em mundos divididos em rígidos padrões de comportamento.

Entendemos que potencializar a educação como um verdadeiro instrumento de democracia e equidade para o futuro que desejamos e lutamos é disputar na sociedade uma visão de educação inclusiva e libertadora, capaz de ampliar os direitos das mulheres e a construção de uma educação livre de toda forma de opressão.

Fatos que mudaram a História das Mulheres

1928: o governador do Rio Grande do Norte autorizou o voto das mulheres através de uma mudança na lei estadual. Elas compareceram às urnas, mas seus votos foram anulados;



1932: Getúlio Vargas promulga o novo código eleitoral, garantindo o direito de voto as mulheres brasileiras;



1937/1945: o Estado Novo cria o decreto 3199, que proíbe às mulheres a prática de esportes. Entre as modalidades: a luta de qualquer natureza, futebol de salão, futebol de praia, pólo e pólo aquático, halterofilismo e beisebol;

1945: a ONU reconhece a igualdade de direitos entre homens e mulheres;

1951: a organização internacional do trabalho aprova a igualdade de remuneração entre trabalho feminino e masculino para função igual;



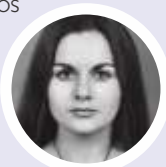
1962: no Brasil é sancionado o estatuto da mulher casada, estabelecendo que a mulher não precisa mais de autorização do marido para trabalhar e para receber herança. Ela passa a ter direito de requerer a guarda dos filhos;



1983: no Brasil são criados os primeiros conselhos Estaduais da Condição Feminina e o Ministério da Saúde cria o Programa de Atenção Integral à Saúde da mulher, em resposta aos movimentos feministas;

1985: surge a primeira delegacia para mulher. O Congresso Nacional institui o sistema de cotas na legislação eleitoral, obrigando os partidos a inscreverem no mínimo 20% de mulheres nas chapas proporcionais;

2006: criação da Lei Maria da Penha, que aumenta o rigor da punição dos crimes contra a mulher.



Origem da data

No Dia 8 de março de 1857, operárias de uma fábrica de tecidos, em Nova Iorque, fizeram uma grande greve. Ocuparam a fábrica e reivindicaram melhores condições de trabalho, tais como, redução na carga diária de trabalho para dez horas (as fábricas exigiam 16 horas), equiparação de salários com os homens (as mulheres chegavam a receber até um terço do salário de um homem, para executar o mesmo tipo de trabalho) e tratamento digno dentro do ambiente de trabalho.

A manifestação foi reprimida com total violência. As mulheres foram trancadas dentro da fábrica, que foi incendiada. Aproximadamente 130 tecelãs morreram carbonizadas. Porém, somente em 1910, durante a Conferência de Mulheres na Dinamarca, foi aprovado um dia de solidariedade e memória às lutas das trabalhadoras, em especial vítimas do famoso episódio em Nova Iorque. No ano de 1975, a Organização das Nações Unidas (ONU) ratificou a data que hoje é lembrada no mundo inteiro.



Dica de filme

O sorriso de Mona Lisa (EUA – 2003). Dirigido por Mike Newell com Julia Roberts. Katharine Watson é uma recém graduada professora, que consegue emprego no conceituado Colégio de Wellesley para lecionar aulas de História da Arte. Incomodada com o conservadorismo da sociedade e do próprio colégio em que trabalha, Katharine decide lutar contra estas normas e acaba inspirando suas alunas a enfrentarem os desafios da vida.



CPERS
SINDICATO FILIADO À CNTE E À CUT



www.cpers.org.br

Profissão: Mulher

Conheça as histórias de Norma e Maria, duas educadoras que, através de muita dedicação e amor pelo que fazem, conseguiram seus espaços no mercado de trabalho sem abdicar do que acreditam.



"Desde a infância, minha vocação era ser professora",

lembra a educadora e médica ginecologista e obstetra, Norma Dutra Beatriz Benvenuti. Seus primeiros anos de magistério foram no serviço público municipal em São Luiz Gonzaga, como alfabetizadora contratada.

Logo, ingressou também na rede pública estadual. Paralelo ao trabalho, cursava a graduação em Ciências. Para frequentar o curso, passou por várias dificuldades. "Não havia asfalto. Para chegar a Bossoroca, onde lecionava, precisava ir de barca. Quando chovia o traslado era feito de

canoas. Era um perigo", relembra.

Mesmo diante da árdua rotina, ela não desanimou e quis ir além: fez vestibular para Medicina. "É claro que teria que ser em uma universidade federal e eu teria de continuar exercendo o Magistério", recorda. Passou no vestibular e, com muita disciplina e esforço, cursou a faculdade e continuou lecionando. "Nesse meio tempo, fiz concurso e fui efetivada no magistério, onde permaneci até me aposentar. Ainda fiz Pós em Saúde Pública", explica.

Atualmente, aos 67 anos, e mesmo após aposentar-se no Magistério, Norma continua trabalhando. Atende suas pacientes em seu consultório, em São Luiz Gonzaga, é conselheira em diversas entidades de classe e Associações e realiza palestras em escolas. Mas não para por aí. "Tenho uma coluna semanal no jornal da cidade, onde escrevo crônicas dos mais variados assuntos com um toque de professora e já publiquei três livros", conta.

**Norma Beatriz Dutra Benvenuti,
67 anos, professora aposentada
e médica ginecologista e obstetra**

Atuando como funcionária de escola, no cargo de secretária, desde 1993, Maria Catharina Tisott, sempre priorizou a família. Tanto que, após o nascimento do seu único filho, deixou tudo de lado e dedicou-se a ele por 13 anos. "Só depois disso, voltei a trabalhar. Fiz concurso público e desde 1993 atuo como funcionária de escola", explica.

Ela recorda que conciliar a rotina de mãe, trabalhadora e esposa sempre exigiu muita dedicação, disciplina e esforço. "Trabalhar 40 horas na escola, ser dona de casa, cuidar do meu filho e ser esposa era um desafio diário", recorda. Maria sabia que precisava atualizar-se nos estudos. Nunca desistiu, nem desanimou. Apenas soube esperar a hora certa. "Eu fiz minha Licenciatura e Pós-Graduação só depois que o meu filho estava na faculdade federal e tinha conseguido uma vaga na casa do estudante. Aí sim, consegui equilibrar o orçamento e me permitir estudar novamente", explica. Hoje, a rotina é outra. Viúva,

Maria mora sozinha em Caxias do Sul. O filho, já adulto, mora e trabalha como engenheiro na capital, o que muito a orgulha. Na rotina de sua profissão, ela encontra encantamento. "O mais belo em meu dia-a-dia de trabalho é o contato com as crianças desabrochando e contando com o nosso apoio e carinho para isso. E isso é o que nos impulsiona", observa. Para ela, cada vez mais as mulheres precisam estabelecer prioridades em suas decisões. "A minha foi e sempre será a família". Sobre o lado bonito de ser mulher, ela é enfática: **"Mulher é única. Nossa natureza é única.** Mas é preciso valorizar-se", conclui.



**Maria Catharina Tisott,
59 anos, Funcionária de escola**



CPERS
SINDICATO FILIADO À CNTE E À CUT



www.cpers.org.br